



**CÂMARA MUNICIPAL DE  
SÃO PAULO**

**VEREADOR CARLOS APOLINARIO - DEMOCRATAS**

PDL 111/07

**JUSTIFICATIVA**

O presente Projeto Decreto Legislativo visa homenagear o Dr. João dos Santos Pinheiro, nascido a 6 de abril de 1958 em Belém, no Pará. Ali, o Dr. João dos Santos Pinheiro estudou. Em 1988, ele se formou em medicina pela Universidade Federal do Pará. É casado com a Sra. Rosangela Dias, pai de três filhos: Danilo Henrique, Leonardo e Gabriel. Como médico, o Dr. João dos Santos Pinheiro já atuou nas seguintes áreas:

Radiologia Geral

Clinica Geral e Endocrinologia (Obesidade - Resistência Insulínica)

Fisiologia Esportiva Clinica

Nutrição Esportiva Clinica

Medicina Estética

Profissional dedicado, o Dr. João dos Santos Pinheiro nunca parou de estudar. No seu currículo, constam diversos cursos de aperfeiçoamento:

Química Farmacêutica

Bioquímica Clinica

Genética Clinica

Neuromuscular

Neuroendocrinopsicologia

**A trajetória de um vencedor**

Filho de um operário da construção civil e de uma dona de casa, o Dr. João dos Santos Pinheiro cresceu numa família de nove irmãos. Sua infância foi cercada de muitas dificuldades, como seria de se esperar numa família tão grande e com

limitações no orçamento doméstico. Aos 12 anos de idade, acompanhou o drama de seu pai, que sofria de uma ulcera gravíssima e, por isso, às vezes expelia sangue. Impotente diante do sofrimento do pai, João Pinheiro pensava em como evitar a morte de seu pai. Vêm desta época os primeiros sinais de que aquele jovem pobre poderia, um dia, trabalhar na área médica.

Em 1974, aos 16 anos de idade, começou seu primeiro trabalho num hospital. Mas ainda estava longe de realizar seu sonho. Ele era ajudante de pintor de parede do Hospital Adventista de Belém. Conciliava o emprego com os estudos à noite, em escola pública. Nesse ambiente de dificuldades, fome, cansaço e até mesmo de desprezo, ele foi encorajado pelas conversas que ouvia dos médicos. Na sua mente e, principalmente, no seu coração, começava a tomar forma o desejo de tornar-se doutor algum dia.

O tempo passou... E chegou o dia de prestar o vestibular para Universidade Federal do Pará. Em vez de ouvir palavras de incentivo, recebeu de um certo diretor do hospital uma ducha de água fria: "Medicina não é coisa de negro", disse ele ao rapaz que lutava para concretizar seu sonho. As palavras foram duras, mas aquele empregado de tarefas modestas se recusou a desistir. Foi adiante, de cabeça erguida. A declaração preconceituosa de seu chefe provocou uma reação inversa ao que se poderia esperar. A partir daquele dia, João Pinheiro nunca mais foi o mesmo. Disse para si mesmo: "vou ter que passar nesse vestibular, de qualquer jeito".

O que parecia impossível aconteceu. Em 1983, o ajudante de pintor de parede do hospital entrou na melhor universidade do Pará. Na instituição, além dele, apenas dois alunos eram negros, e estes pertenciam a uma rica família que vivia em Belém. No campus, sofreu com o preconceito. Um professor chegou a dizer que o estudo de medicina tinha se nivelado por baixo. "Negro fazendo medicina... como pode?", comentou o mestre, diante de outros alunos. Foram seis anos terríveis em sua vida: além da humilhação, sofria com a fome, o cansaço e sono. Pensou em desistir várias vezes, mas sua determinação superou todos os obstáculos.

No hospital, progrediu profissionalmente. Deixou o pincel, o rolo e a lata de tinta, e passou a trabalhar na recepção, depois como auxiliar de escritório, telefonista e técnico

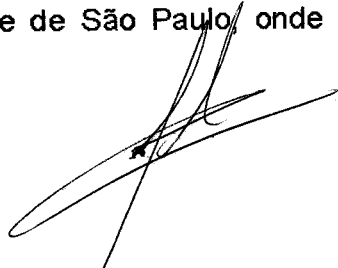
de raio – X. Os anos se passaram e chegou o grande dia: sua formatura. Anos antes, muitos não acreditavam que ele conseguisse. Mas lá estava João Pinheiro, sem nenhuma soberba, mas de cabeça erguida. Com o diploma na mão, veio à convocação para servir às Forças Armadas. Na Marinha, fez amizades, que acabaram por ajudá-lo na sua vida profissional.

Atendendo à população ribeirinha nos afluentes do Amazonas, sentiu a dor dos menos favorecidos e viu não era o único a sofrer com a falta de dinheiro. Nas margens do rio, descobriu que existiam pessoas ainda mais pobres e tomou consciência de que, como médico, poderia contribuir para mudar a história daquela gente. Nessa época, teve a convicção jamais esquecida de que estudou medicina para atender a um chamado de Deus.

Partos no meio da floresta ou dentro de canoas em pleno rio Amazonas... atendimento em igrejas ou acampamentos. Tudo era novidade e os desafios sempre o obrigavam a aprender cada vez mais. Para ele, não bastava ser médico. Tinha que ser o melhor precisava saber mais, estudar mais...

Em Manaus, no Hospital da Aeronáutica ou no do Exército, João Pinheiro era sempre elogiado, por sua dedicação e perícia. Esse sucesso atraiu o interesse do diretor do Hospital Naval de Belém, aquele que o havia aconselhado a desistir de fazer medicina, por ser negro. Em 1991, ele deixou os hospitais das Forças Armadas e voltou para o hospital. Só que agora, em vez da lata de tinta, ele levava o estetoscópio. Nessa época, o presidente do Brasil era Fernando Collor de Melo e os militares estavam sofrendo com baixos salários.

Foi uma época difícil, que coincidiu com o falecimento de sua mãe, em março de 1992. João Pinheiro, que nunca foi de reclamar, resolveu sair da Marinha e começou uma nova vida em São Paulo. Chegando à capital do nosso Estado, João Pinheiro enfrentou preconceito por parte de alguns colegas da medicina, principalmente por ser negro e vir do Norte do Brasil. Mas, aos poucos, conquistou seu espaço, com muito trabalho e dedicação. Aqui conheceu a mulher com quem se casaria, em 1993. Pouco tempo depois, já era uma referência na zona leste de São Paulo, onde trabalhava chegava a atender 1.200 consultas por mês.



Bem sucedido como médico, não tinha experiência administrativa. Por isso, quebrou financeiramente. Foi necessário recomeçar, mas desta vez tinha certeza de que o melhor era ter o próprio consultório e deixar de trabalhar como empregado. Foi assim que ele abriu seu primeiro consultório na zona norte de São Paulo. Ficava na rua Salete, atrás do Bradesco da rua Voluntários da Pátria. Desconhecido na região, silenciosamente foi crescendo. Em pouco tempo, já tinha uma clientela grande, em razão dos tratamentos complexos que fazia. Convidado para trabalhar no centro da cidade, perto da região que concentra agências bancárias, ele passou a se dedicar ao tratamento de obesos. Era o ano de 1998 e o Dr. João Pinheiro já tinha uma clientela numerosa. Atendia de 3 a 4 mil pessoas em seus dois consultórios.

Sempre buscando se aperfeiçoar, ele desenvolveu uma linha de tratamento que logo chamou a atenção de outros endocrinologistas. Ele conseguiu tomar uma mulher magra uma paciente de 36 anos que chegou a seu consultório com 160 quilos. No seu tratamento, ele pesquisa os rastros dos genes da obesidade, aperfeiçoa dietas já existentes e recomenda atividades físicas dirigidas, programadas. Com o sucesso, logo surgiram os convites para dar cursos e fazer palestras para colegas de profissão.

Nesse período, sua irmã, outro prodígio da família, fazia doutorado na universidade de Oxford. Em contato permanente com ela, o dr. João Pinheiro solicitava informações sobre pesquisas em andamento na Inglaterra, para comparar os resultados com os estudos silenciosos que fazia no Brasil. Um traço de sua personalidade é a discrição. O dr. João Pinheiro procurava sempre fazer seus estudos sem alarde, mas os laboratórios começaram a desconfiar que seu trabalho era diferenciado, em razão do tipo de exames que solicitava. Um desses laboratórios quis saber mais e o convidou para um congresso em São Paulo. Diante de 400 médicos, de diferentes especialidades, alguns de outros países da América Latina, fez uma palestra. Foi muito aplaudido e recebeu convites para trabalhar na Colômbia, Bolívia e Venezuela. Mas ele optou por continuar em São Paulo.

Destaque em reportagens da grande imprensa, colegas pediram a ele que fizesse um curso de resistência insulínica na Unicamp. E ele foi. Na universidade de Campinas, conheceu os doutores Marcos Tambascia e Mario Saad. O Dr. João

Pinheiro faz questão de registrar que ficou simplesmente deslumbrado com conhecimento e a simplicidade desses dois médicos. Foram eles que o inspiraram a estudar mais. O Dr. João Pinheiro, um médico que nunca parou de estudar, chegou à conclusão de que precisava triplicar os seus conhecimentos. O Dr. João Pinheiro foi buscar informações em outras especialidades, para aprimorar suas técnicas de tratamento da obesidade.

Em 2004, foi convidado para assistir a um curso no Rio de Janeiro, ministrado pelo Dr. Carlos Minuzzi, da Universidade Federal de Porto Alegre, profissional que ele considera simplesmente perfeito em quase tudo – do conhecimento de medicina ao de ciência esportiva. Era tudo que ele precisava para completar sua visão da medicina e para reduzir a níveis baixíssimos os erros no tratamento de doenças metabólicas e psíquicas – determinantes no caso da obesidade.

Esta é a trajetória de um médico que nunca desistiu de lutar para vencer. Tal qual a figura mitológica da Fênix, ele sempre ressurgiu depois de uma queda. Após treze anos em São Paulo, ele abriu um consultório em Belém. Foi uma decepção. Aqueles que foram seus próprios professores começaram uma caça. Queriam de qualquer jeito impedir que ele continuasse na cidade, pois perderam uma grande clientela. Para o atingir, utilizaram a estrutura de CRM–local, falsos pacientes e até mesmo contrataram marginais para agredi-lo.

Em São Paulo, o dr. João Pinheiro encontrou a paz. Sobre nossa cidade, ele diz: Com tudo isso, vejo São Paulo como minha vida, o oxigênio que respiro, e aqui sou um vencedor. Ma medicina tenho meu espaço e reconhecimento de colegas médicos e de entidades acadêmicas de segmentos diferentes. Além do mais, meus três filhos e esposa são paulistas da gema. Não me vejo longe de São Paulo. Aqui encontrei respeito e reconhecimento, não era mais aquele menino negro que ouviu de tantos que medicina não é coisa de gente da minha cor. Na terra onde nasci, sou perseguido por profissionais que não se aperfeiçoaram. Fico muito agradecido a minha São Paulo, a nossa São Paulo. Minha esposa e meus filhos já sabem: tenho que ser enterrado aqui, pois aqui é a minha terra.”

